



CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA

O PROGRAMA SAAL E AS HABITAÇÕES SOCIAIS DE ÁLVARO SIZA

Genin, Soraya^{1*}, Pinto, Pedro^{2*}, Mesquita, Tomás^{3*}.

¹soraya.genin@iscte-iul.pt, ²pedro.pinto@iscte-iul.pt, ³tomas_mesquita@iscte-iul.pt

* ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Palavras-Chave: Arquitetura Participativa; Património Cultural; Habitação Social; SAAL; Álvaro Siza

Resumo: *Este artigo analisa as habitações sociais da autoria de Álvaro Siza, em particular o método de projeto e construção participativa decorrente do programa SAAL.*

As obras analisadas são: os Bairros da Bouça (1973), de São Vitor (1974) e da Malagueira (1977) em Portugal; Bonjour Tristesse, Alemanha (1979), Punt en Komma, Holanda (1983) e Campo di Marte, Itália (1985).

Com recurso à análise bibliográfica e arquivística procuramos identificar os métodos participativos utilizados por Siza, bem como as questões sociais consideradas nos projetos. Os dados obtidos permitem efetuar uma análise comparativa deste conjunto de obras nacionais e internacionais, que é um dos objetivos do projeto “Siza Atlas, colmatar lacunas para o Património Mundial”.

Conclui-se que todas as obras incluem a participação dos moradores, em fase de projeto, construção ou pós-construção, através de inquéritos, reuniões, visitas, modelos à escala real e visitas. Adicionalmente, respeitam a pré-existência, as características locais e o modo de vida das comunidades.

1 INTRODUÇÃO

O Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL) testemunha a primeira experiência de envolvimento direto das populações na conceção e construção de habitação em Portugal. Surgiu na sequência da revolução de 25 de abril de 1974, por iniciativa do arquiteto Nuno Portas, quando assumiu funções de Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo. Este programa estatal procurou não apenas dar resposta à necessidade de realojamento das populações, como também desenvolver uma metodologia operativa envolvendo as populações no projeto. Dado o quadro nacional de pobreza e baixa empregabilidade previa também a possibilidade da autoconstrução, caso os futuros moradores quisessem abdicar da contratação de mão-de-obra. Apesar da sua curta duração (1974-1976) o SAAL influenciou diversos arquitetos por um período alargado.

Este momento tão significativo na História da Construção em Portugal, tem sido analisado sobremodo nas áreas da Sociologia e da Arquitetura. Neste artigo, pretendemos analisar as obras de Álvaro Siza, em particular o método participativo utilizado nas habitações sociais construídas no âmbito do programa SAAL e posteriormente. Siza participa neste movimento e corrobora, referindo que o processo participativo inicia quando a proposta é recusada [1].

Álvaro Siza integrou a brigada SAAL/Norte, onde coordenou os projetos do complexo Bouça (1973) e de São Vítor (1974), que induziram a posteriores encomendas públicas de maior escala, nacionais e internacionais: o Bairro da Malagueira (1977); Bonjour Tristesse (1980); Punt en Komma (1983); Reabilitação de Campo de Marte (1985).

Os bairros da Bouça e da Malagueira integram a Lista Indicativa para o Património Mundial desde 2017. A investigação alargamos o estudo às obras internacionais, no âmbito do projeto SizaAtlas, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que desenvolve um inventário de todas as suas obras e análises comparativas, com o objetivo de contribuir para a candidatura de um conjunto de obras para a Lista do Património Mundial. O estudo enquadra-se também numa tese de doutoramento em curso sobre processos participativos no património cultural, do Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos do ISCTE.

Os resultados obtidos, com base na análise bibliográfica e arquivística, contribuem para o conhecimento do método participativo usado por Álvaro Siza nas suas obras de habitação social, bem como para a História da Construção nacional e internacional.

2 O SAAL

O programa SAAL marcou a História da Arquitetura Portuguesa, nos processos de construção, no acesso ao solo, na conformação morfológica e tipológica e no envolvimento direto de populações carenciadas na discussão destas transformações. Marcou as políticas e os processos de gestão e de transformação do espaço edificado [2]. Enquadra-se num período de mudança sociopolítica nacional, com a intenção de estabelecer uma operação de larga escala assente no processo democrático direto e cooperativo na relação cidadãos-Estado [3]. Neste sentido consideramos o SAAL um exemplo dos processos participativos em Portugal, aproximado a um modelo de governança participada.

Como refere José Bandeirinha [4], ao relembrar Nuno Portas [5], a metodologia do processo participativo, por motivo da urgência de resultados, não foi desenvolvida na sua totalidade. Constituiu exemplo radical de uma forma revolucionária de produzir cidade e arquitetura. O SAAL ocorreu num muito curto espaço de tempo e com vários cambiantes geográficas e metodológicas. Foram produzidas obras reconhecidas pela qualidade arquitetónica e pela estratégia de realojamento no mesmo local de residência. Gerry Stoker [6] entende que a governança tem várias metodologias, entre as quais a criação de redes cooperativas para

influenciar as políticas. As necessidades sentidas ao nível da habitação em Portugal promoveram esta organização das comunidades, assim como incentivaram os processos de participação, que procurava também promover a descentralização de competências.

Após a revolução, as manifestações da população em torno das questões habitacionais aumentaram [6]. Foram ocupadas casas devolutas [7] e criadas associações com a missão de assegurar o direito à habitação [8]. Era clara a necessidade de reestruturar as políticas de habitação com a intervenção civil. O Despacho DD4630, de 6 de agosto de 1974, estabelece a criação de um corpo técnico especializado, o SAAL [9], sediado no Fundo de Fomento da Habitação (FFH), com o objetivo de operar nos bairros com condições habitacionais precárias [7]. O Despacho cria uma medida que viria a ser fundamental nos processos de construção, a constituição de cooperativas habitacionais sem fins lucrativos.

A metodologia do SAAL, como refere Nuno Portas, é profundamente distinta do “conceito tradicional de habitação”. Opera segundo um método cooperativo, onde o utilizador intervém desde o início do projeto, tanto na tomada de decisão a variadas escalas (morfologia urbana, tipologia arquitetónica e materialidade construtiva), como na construção. As equipas formadas ao abrigo do SAAL eram multidisciplinares e não se limitavam à elaboração de projetos, mas participavam numa variedade de atividades, como “a realização de inquéritos, levantamentos, acompanhamento técnico junto das instituições, organização do estaleiro e obra, fiscalização e assessoria” [10].

Como refere João Baía, o SAAL rompe com as tradições e procedimentos do Estado Novo, alterando radicalmente a forma de “construir a cidade” e o direito à mesma [2]. O Despacho estabelece ainda que em caso de insuficientes recursos técnicos municipais, o FFH fornece técnicos às entidades municipais que o solicitem. O procedimento seria feito através do SAAL, contudo no seu desenvolvimento o SAAL desviou-se do FFH e das autarquias locais, atuando autonomamente e com maior proximidade dos moradores. Isto motivou o Despacho ministerial de 28 de outubro, que sanciona o SAAL pelo carácter autónomo que adquiriu, encerrando o Serviço. O mesmo refere a vontade do Estado Central transferir competências às autarquias, as legítimas representantes das comunidades locais. O SAAL terminou assim em 1976, prosseguindo apenas as construções em curso.

3 O COMPLEXO DA BOUÇA, PORTO

O projeto de Álvaro Siza para o bairro habitacional da Bouça inicia-se em 1973 ao abrigo do Fundo de Fomento da Habitação. Já existia um projeto anterior, com o qual Siza não concordou [11] dada a complexa organização dos espaços, criando obstáculos no interior, o desfasamento com programas de habitação social e a impossível estandardização dos fogos. Siza desenvolveu uma proposta, que foi aceite, para solucionar estes problemas e garantir o tecido urbano [12]. Este projeto foi depois incluído no programa SAAL em 1974.

O complexo residencial é composto por 128 fogos de diferentes tipologias (T1 a T5), distribuídos em quatro corpos paralelos, compostos de quatro pisos. As habitações desenvolvem-se em dois pisos, com acesso direto a partir do exterior para o piso térreo, ou através das galerias para as habitações superiores.

Foi definido um plano para melhorar as condições de habitabilidade da comunidade, mantendo o local de residência [11]. A equipa técnica era liderada por Siza e formada pelos arquitetos que tinham trabalhado com ele no anterior projeto do FFH [14]. Os moradores formaram uma associação e tiveram espaço para diálogo e debate, num processo cooperativo. As assembleias de moradores eram recorrentes, assim o projeto final resultou de um processo interativo entre a comunidade e o arquiteto. Álvaro Siza salienta que o debate com os moradores foi moroso, transversal às diversas fases do projeto, bem como essencial para a sua conclusão

[13]. Não obstante, sobre a participação da comunidade nos projetos, Siza refere que “a competência específica não pode ser eclipsada pela coletividade uma vez que constitui uma presença insubstituível” [14].

Mais tarde, na segunda fase de construção e de conclusão da Bouça, salientamos o respeito de Siza pelas necessidades dos habitantes, sabendo que o próprio integra no projeto as marquises fechadas pelos moradores, aceitando a alteração ao seu projeto inicial [15].

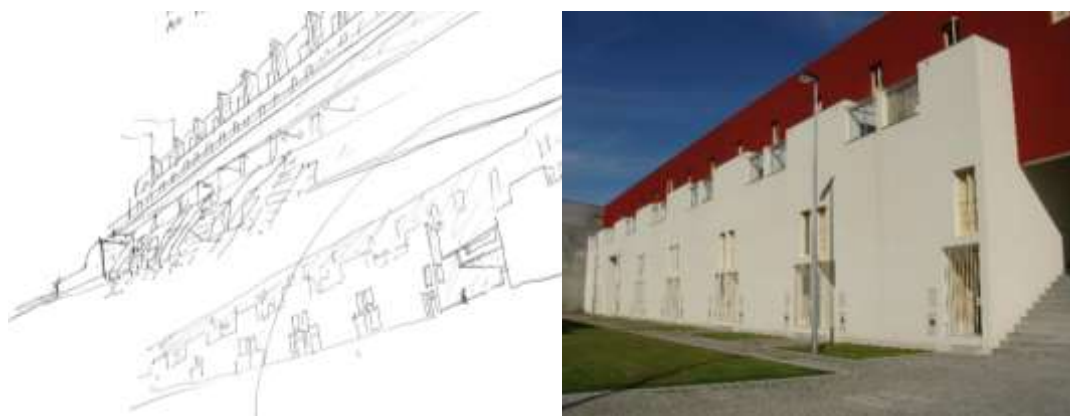


Figura 1: Complexo da Bouça. Esquisso de 1977 (*Siza, A., Drawing Matter Archive*) e fotografia da fachada alterada com as varandas fechadas pelos moradores [23]

4 BAIRRO DE SÃO VÍTOR, PORTO

O projeto do bairro de S. Vítor, no Porto, decorreu no âmbito das operações SAAL [4]. Incluía quatro tipos de intervenção: recuperação dos edifícios pré-existentes e devolutos; reconstrução, reutilizando elementos arquitetónicos e estruturais existentes; construção nova em terrenos vagos, incluindo no interior de pátios. O projeto previa inicialmente 615 fogos, destinados a alojar 630 famílias, contudo foi interrompido por razões relacionadas com as expropriações. Foi concluído apenas a obra do bloco de Nossa Senhora das Dores, com a construção de 12 casas e a reabilitação de 4 existentes [17].

A ilha proletária passa a ser o “elemento base da estrutura urbana” [17]. Há uma transformação da construção e das condições de acesso à cidade, sem partir da tábula rasa das pré-existências. A recuperação e abertura das ilhas em S. Vítor prolongava a cidade formal para o interior dos quarteirões e rompia insularidade e insalubridade, transformando domínios de exploração privada em estrutura urbana pública.

Os moradores criaram uma Associação de Moradores, como refere a carta dirigida ao FFH a 16 de setembro de 1974, onde sublinham o estado precário a que estão expostos, assim como o direito à habitação digna no lugar de residência [17]. Não queriam ser realojados noutra local devido aos custos de transporte e ao espírito comunitário associado ao lugar, advogando o seu direito à cidade [12]. Este perfil de comunidade, aliada aos propósitos do SAAL, contribuiu para o forte carácter participativo do projeto.

As condições de habitabilidade do bairro de S. Vítor tinham sido analisadas por alunos da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBP) (Adalberto Dias, Edgar Castro, Eduardo Souto de Moura e Manuela Sambade) antes da contratação de Álvaro Siza. Assim, o projeto foi desde o início desenvolvido com base nas necessidades da comunidade, através de uma relação criada entre a equipa técnica e os moradores, que sustentou as decisões e guiou o projeto [18].

O relatório mensal de novembro da Brigada SAAL de S. Vítor demonstra que havia um diálogo frequente com os moradores, mantendo-se integrados no desenvolvimento do projeto e

com espaço para o diálogo. Como refere o arquiteto Domingos Tavares [17], o projeto desenvolvido no âmbito do SAAL retomou os contactos previamente estabelecidos pelos alunos da ESBP com os moradores, então organizados em Associação.

Álvaro Siza refere que a comunidade estava integrada no desenvolvimento do projeto, sendo frequente as assembleias de moradores, onde eram debatidas ideias com a equipa técnica [1]. A participação cresceu em torno da partilha entre a brigada e a população, o que contribuiu para o reconhecimento do projeto do Bairro de S. Vítor.

O método participativo utilizado por Siza em S. Vítor foi desenvolvido nos projetos seguintes, que apesar de não pertencerem ao período SAAL, partilham do realojamento da população no mesmo local de residência e do processo participativo, primeiro no Porto, depois na Malagueira, em Berlim e Haia.



Figura 2 – Bairro de São Vítor. Esquisso de 1974 (Siza, A., Drawing Matter Archive). Bloco de Nossa Senhora das Dores após construção [23]

5 BAIRRO DA MALAGUEIRA, ÉVORA

O Plano de Pormenor do Bairro da Malagueira data de agosto de 1977, destina-se a uma unidade residencial de 12.000 habitantes, sendo 4.120 realojados, numa área de 27 ha integrada na zona de expansão Oeste de Évora. A intervenção tinha sido proposta em 1975 pela Direção Geral de Sistematização Urbanística, mas não foi aprovada para execução. Os problemas sentidos pela comunidade local persistiam, como refere Álvaro Siza [14], os moradores continuaram organizados no sentido de verem as suas condições habitacionais melhoradas [15].

O Presidente do Município de Évora, Abílio Fernandes, refere numa entrevista que a escolha de Álvaro Siza para a elaboração do Plano justifica-se pelo fato do arquiteto ter participado em projetos participativos [19]. De facto, o Plano de Pormenor que Siza vem desenvolver para a Quinta da Malagueira, que data de 1977, prova a continuidade da aplicação do processo participativo após o período SAAL.

Na Memória Descritiva do Plano de Pormenor Siza refere diversas vezes a necessidade de ouvir a população, apelando ao método participativo. No primeiro capítulo define como objetivo dos estudos Preliminares “uma apresentação e debate públicos dos princípios a desenvolver em 2ª fase”. Sobre as condicionantes refere que o plano “inclue ainda um estudo de tipologias arquitectónicas, apresentado apenas como sugestão, não existindo inquérito sociológico quando da sua elaboração”. Sobre a conceção refere que decorreu de “um contacto direto com as populações interessadas na realização do Plano” e da “apreensão das tensões entre hábitos, tradições e tendências de transformação. Ainda neste capítulo refere que a conceção “desenvolver-se-á através de um debate contínuo com as populações a alojar” e que “o esquema

agora apresentado serve de base para um estudo de pormenor e com a participação necessária” [29].

A participação da comunidade desenvolveu-se em várias fases, desde o projeto à construção. Inicialmente a equipa técnica procurava identificar as necessidades e vontades da comunidade a implementar no projeto. Foram conduzidas entrevistas e diversas reuniões com os moradores [18]. Com base na primeira fase (1978), Álvaro Siza elaborou uma proposta, para posterior revisão em reuniões com a comunidade. Este processo foi repetido várias vezes, oferecendo continuamente aos residentes a possibilidade de questionar e contribuir para o projeto. Álvaro Siza lembra que o projeto foi construído sob constante diálogo com a comunidade, por vezes conflituoso, defendendo ser estes os valores de um processo participado [14]. Durante as reuniões, mantinha-se um diálogo aberto entre a equipa técnica e a comunidade, convidada a apresentar as suas ideias para o projeto, os espaços públicos, as zonas verdes e as casas, incluindo as suas tipologias [21].

Para além da participação na fase do projeto, os moradores também se envolveram na construção das casas, através das Cooperativas de Habitação. Alguns moradores optaram pela autoconstrução, por ser um meio mais económico. Na Malagueira, as cooperativas de habitação foram responsáveis por 60% das unidades construídas [21].



Figura 3: Bairro da Malagueira, Évora. Comunidade cigana, 1977 (Roberto Collovà, Arquivo Fotográfico de Évora). Vista aérea da Malagueira em construção (Arquivo Municipal de Évora).

6 BONJOUR TRISTESSE, BERLIM

O O complexo residencial Block 121, Wohnhaus Schlesisches Tore, em Berlim, mais conhecido por Bonjour Tristesse, foi o primeiro projeto de Álvaro Siza fora de Portugal, selecionado no âmbito do concurso IBA Internationale Bauausstellung (*International Building Exhibition*) decorrido entre 1979 e 1987. Como refere Nelson Mota, o projeto concilia a renovação de estruturas pré-existentes com construção nova, obra concluída em 1983 [22].

A organização do IBA convidou vários arquitetos da Europa ocidental [23], com o objetivo de renovar Berlim Ocidental, para requalificação da cidade, degradada pelos danos causados pela Grande Guerra. Esta edição focou-se no desenvolvimento e reabilitação urbana, assim como em laboratórios experimentais, inovadores e participativos, procurando implementar projetos desenvolvidos entre projetista-comunidade [24]. Introduz um novo princípio de preservação dos edifícios, em vez da sua demolição e construção nova, através de linhas de ação para uma renovação urbana cuidada baseada na vivência dos moradores” [25], mantendo a memória do lugar.

É neste enquadramento que Álvaro Siza é convidado a participar, dado o reconhecimento internacional das suas obras em Portugal. O projeto que apresenta interpreta os vazios urbanos

e a pré-existência, propondo um edifício de sete andares, com jardim e funções comerciais nos pisos térreos, preservando a memória do lugar e o modo de vida dos habitantes [26].

Os pisos residenciais superiores destinam-se essencialmente a uma comunidade de imigrantes turca, com 46 habitações de tipologias diversas, desenvolvidas de acordo com as preferências dos moradores. Nas diversas fases do projeto, Siza centrou o utilizador no processo de conceção, procurando identificar as necessidades através de reuniões com os moradores, como se observa na figura 3a [26]. As soluções encontradas para o projeto foram resultantes deste processo participativo.

O projeto foi alvo de críticas, entre outras, de fachada monótona [22], contudo o seu valor foi desde logo reconhecido, ilustrando o postal da edição IBA 84/87 (Figura 4). Pouco depois da construção apareceu na fachada o graffiti com a expressão "Bonjour Tristesse", nome pelo qual é conhecida a obra, que foi aceite pelo arquiteto e permaneceu até hoje.



Figura 4: Postal do IBA 84 / 87 destacando Bonjour Tristesse, intitulado “Há coisas entre o céu e a terra...” (Canadian Center for Architecture). Reunião entre moradores e Álvaro Siza [30].

7 DE PUNT EN KOMMA, HAIA

A cidade de Haia foi objeto de um programa de renovação urbana no final dos anos 70. Adri Duivesteijn, vereador do Departamento de Ordenamento e Planeamento Territorial entre 1980 e 1989, quando assumiu a direção do programa, tinha por objetivo promover modelos de governação participada. Visitou o complexo da Bouça e reconhecendo o método participativo utilizado por Siza no âmbito dos programas SAAL e IBA, convidou Siza a projetar para o Bairro de Schilderswijk [25].

“De Punt en Komma”, projeto de Siza e de Carlos Castanheira, é um conjunto de edifícios residenciais com quatro pisos e 106 apartamentos, localizado em três quarteirões de Schilderswijk, na zona central da cidade de Haia.

A participação da comunidade era um dos requisitos do projeto. Havia interesse em promover processos colaborativos que envolvessem a comunidade, tanto na decisão da planificação dos espaços, como nas questões técnicas, dificuldade sentida em processos anteriores [20]. Para reforçar a participação foi desenvolvido um modelo físico, o Spatial Development Laboratory (ROL), à escala real das habitações (Figura 4), método que permitiu aos moradores compreender melhor o projeto, a organização dos espaços e relações, facilitando a sua participação.

À semelhança dos projetos anteriores, a reabilitação urbana do bairro de Schilderswijk procurou incluir os utentes no processo arquitetónico, condição definida pelo Departamento de Ordenamento e Planeamento Territorial de Haia. Álvaro Siza contribuiu para a integração da comunidade no projeto, procurando compreender as condições de vida da comunidade local

desde o início [25]. O bairro de Schilderwijk tinha uma larga comunidade estrangeira, predominantemente islâmica, que não esteve presente na primeira reunião com os moradores, onde Siza salientou a importância dos contributos de todos os moradores [2].

O projeto preserva a tradição e identidade do lugar, nomeadamente através dos materiais utilizados e características arquitetónicas locais, como os acessos tradicionais (Haagse Portiek), responde às necessidades da comunidade, incluindo os grupos estrangeiros e diversidade de práticas culturais. O resultado conseguiu satisfazer as diversas necessidades da comunidade, sem esquecer os grupos minoritários. Como refere Fernando Márquez Cecilia [28] o projeto de habitação em Haia foi concebido de modo a acomodar as diferentes necessidades de uma comunidade com grande diversidade étnica.

Para além do método participativo, o respeito pela pré-existência transparece na primeira proposta de Siza. O plano municipal previa a demolição de edifícios, que o arquiteto considerou evitável, preservando a identidade local, mantendo o maior número de edifícios possível. No entanto, dada a degradação das fundações da “Zona 5”, de maior intervenção, apenas a escola foi mantida [20]. Considerando importante manter o dinamismo da comunidade local na sua relação com o lugar, à semelhança do projeto Bonjour Tristesse, Siza incluiu espaços comerciais nos pisos inferiores.

A propósito da importância dada por Siza às questões sociais, tem particular interesse as notas que escreve num esquisso que se encontra no arquivo da Drawing Matter. (fig. 5). Desenha os edifícios e uma cabeça humana, onde escreve entre os cabelos “estrutura tradicional”. Dos textos, escritos em português e por vezes inglês, consegue ler-se parcialmente. No topo da folha escreve “Tema de trabalho; Fragmentação cidade contemporânea (...) Participação democrática, social (...) Problema da casa (...) Arquitectura pré-existente (...) Partes importantes de desenho devem ser partes importantes da vida urbana ligados aos factos da vida social”. A meio da folha escreve “Tradição - Inovação; Holanda - Portugal”. Em baixo ordenou os textos: 1: “Tradição cruzamento culturas (...) vandalismo; Vida diferentes comunidades; Arquitectura para diferentes culturas; Transformação da arq.ra; a casa; Estrangeiros viver como Holandeses”; 2: “Rupture in social life already exists, so more than (...) simultaniety building, buildings social life; Social program não é só garden”; 3: “Relação com o forte”. Nesta ordenação é dada prioridade às questões sociais, vindo em último lugar a relação com o forte.



Figura 5: Spatial Development Laboratory (ROL) maqueta à escala real de uma habitação [20]. Esquisso e anotações de Siza sobre Punt en Komma (Siza, A., Drawing Matter Archive).

8 CONJUNTO HABITACIONAL CAMPO DI MARTE, GIUDECCA

Em 1985, o Instituto de Casas Populares de Veneza (IACP), lançou um concurso para reabilitação do complexo habitacional de Campo di Marte, em Giudecca. O projeto de Álvaro Siza e José Paulo dos Santos foi selecionado. Os arquitetos Aldo Rossi, Carlo Aymonino e Rafael Moneo foram mais tarde convidados a participar. As obras dos dois primeiros arquitetos foram concluídas em 2004, o de Siza em 2016 e o de Moneo não foi construído [23].

A obra de Siza teve uma primeira fase que decorreu entre 2004 e 2007, interrompida e concluída apenas em 2016, sem alteração do projeto original. Este incluía 32 unidades habitacionais, com um máximo de quatro pisos e um mínimo de três.

Nesta obra não encontramos referência ao método participativo, através de reuniões com os moradores em fase de projeto, como temos vindo a analisar nos casos anteriores, mas verificamos igualmente o respeito pela lugar, tradição e comunidade local.

Rafael Moneo [20] salienta no projeto de Giudecca o foco dado por Álvaro Siza à componente social, à comunidade local. “Siza understood that he should not affect the lives of the local people and that he therefore had to respect the character, the spirit of the architecture of Giudecca” [30].

Álvaro Siza refere na memória descritiva de 1985 [18] que a construção dos edifícios devia condizer à tradição veneziana, nomeadamente na cor, “prevê-se assim reboco exterior rosa ou tijolo, e branco no último piso de alguns blocos, em faixas horizontais e em alguns elementos de modelação de espaço” [18]. As notas da memória descritiva do seu caderno, que se encontra na Drawing Matter, referem a continuidade das ruas e o traçado de duas vias perpendiculares, nas direções N-S e E-O, que estruturam a área renovada de Campo di Marte. Siza anota “O cruzamento destas duas vias constitui o ponto central da zona. Uma cuidada articulação das construções convergentes, existentes e projetadas, transforma este espaço num só, de relações, simultaneamente ponto de passagem e zonas de estar. Entretanto, procura-se manter o delicado equilíbrio de espaços e volumes, o contínuo de espaços de diferentes formas e a rede de percursos alternativos que caracterizam o traçado de Veneza” (caderno 202, abril-maio 85, Veneza).

Note-se ainda que em 2016, no seguimento da sua visita à Bienal de Arquitetura de Veneza, Siza regressou a Giudecca para visitar o local com os moradores e observar a forma como a comunidade se relacionava com a obra [13].



Figura 6: Campo Di Marte (Siza, A., Canadian Center for Architecture). Álvaro Siza visitando a obra em 2016 (Jordi Burch).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise às habitações sociais da autoria de Álvaro Siza, concluímos que apenas duas decorreram no âmbito do programa SAAL, as duas primeiras que coordenou na brigada SAAL/Norte, os bairros da Bouça (1973) e de São Vítor (1974) no Porto. O reconhecimento destas obras, em particular o sucesso do processo participativo implementado no projeto, influenciou as encomendas seguintes de maior escala, nacionais e internacionais: o Bairro da Malagueira, em Évora (1977), projetado para 1200 fogos; Bonjour Tristesse, em Berlim (1980) para 46 habitações, Punt enn Komma, em Haia (1983) com 106 apartamentos; a Reabilitação de Campo de Marte em Giudeca (1985) para 32 unidades habitacionais.

Estas obras destinavam-se ao realojamento da população local no mesmo local de residência, em áreas que se encontravam degradadas (Bouça, São Vítor, Berlim, Haia, Giudeca) e de expansão da cidade (Évora). Dada a diversidade geográfica, Siza projetou habitação social para moradores de diversas culturas, para a comunidade cigana em Évora, turca em Berlim e várias etnias no caso de Haia. O método participativo é comum em todas as obras, quer seja em fase de projeto, construção ou pós-construção.

Nos bairros da Bouça e de São Vítor todas as fases do projeto foram acompanhadas de reuniões participadas por assembleias de moradores, registando-se relatórios mensais em São Vítor. Na Malagueira para além de reuniões com associações de moradores e cooperativas de habitação, realizaram-se inquéritos à população. Em Berlim e Haia a participação também decorre de reuniões em fase de projeto, sendo o método participativo reforçado em Haia, através da construção de um modelo físico à escala real, para facilitar a explicação da organização dos espaços e também as questões técnicas. Não encontramos informação relativa à obra da Giudeca na fase de projeto, mas Siza visitou posteriormente a obra com moradores, para avaliar o seu grau de satisfação. Em duas obras regista-se a autoconstrução, na Bouça e na Malagueira.

Para além do método participativo, procuramos conhecer as questões sociais levantadas por Siza no projeto. Estas obras revelam o respeito pelas comunidades locais, pelas estruturas pré-existentes, arquitetónicas e sociais. Siza conserva as ilhas nos projetos de S. Victor e Bouça, projeta a continuidade do traçado urbano e da tipologia das casas locais na Malagueira, recria equipamentos no piso térreo do Bonjour Tristesse, recupera estruturas habitacionais e o espaço público em Haia, mantém a cor e características venezianas das fachadas em Campo di Marte.

Importa concluir que os documentos de arquivo analisados revelam claramente que os métodos participativos e as questões sociais não são impostas a Siza, tornam-se no seu modo de fazer arquitetura. Na Memória Descritiva da Quinta da Malagueira, refere diversas vezes a necessidade de inquéritos, estudo sociológico e debate com a população. No esboço do projeto de Haia anota e prioriza as questões sociais. Salientamos a frase de Siza que “partes importantes de desenho devem ser partes importantes da vida urbana ligados aos factos da vida social”.

Não foi possível explorar a influência direta da participação das comunidades nos projetos, questão pertinente que deixamos em aberto para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

[1] Siza, Á. (23 De abril De 2021). Projeto De De S. Victor. Apresentação Do Livro 'Cidade Participada: Arquitectura E Democracia - S. Victor'. Porto, Portugal: Faculdade De Arquitectura Da Universidade Do Porto.

[2] Baía, J. (2018). Saal: Organização Pelo Direito A Habitação No Pós-25 De Abril. In A. Carmo, E. Ascensão, & A. Estevens (Eds.), *A Cidade Em Reconstrução: Leituras Críticas*, 2008-2018 (Pp. 147–154). Le Monde Diplomatique, Outro Modo, Habita.

[3] Mota, N. (2015). Saal, Sweat And Tears. Archis - Self-Building City, 43.

- [4] Bandeirinha, J. A. (2007). O Processo Saal E A Arquitectura No 25 De Abril De 1974. Imprensa Da Universidade De Coimbra.
- [5] Portas, N. (1986). O Processo Saal, Entre O Estado E O Poder Local. *Revista Crítica De Ciências Sociais*, N.O 8/19/20, 636–644.
- [6] Coelho, M. B. (1986). Um Processo Organizativo De Moradores (Saal/Norte - 1974/76). *Revista Crítica De Ciências Sociais*, N.O 18/19/20, 646–671.
- [6] Stoker, G. (1998). Governance As A Theory: Five Propositions. *International Social Science Journal*, 17-28.
- [8] Gonçalo Antunes, «Política De Habitação Social Em Portugal: De 1974 À Actualidade», *Forum Sociológico [Online]*, 34 | 2019.
- [9] Ministério Da Administração Interna, Ministério Do Equipamento Social E Do Ambiente. (06 De agosto De 1974). Despacho Dd4630. *Diário Do Governo - 1.ª Série*, N.182, P. 873
- [10.] Bandeirinha, J. A. (2011). Portugal 1975: An Extreme Experiment In Social Housing. *Lotus International*, 145, 47–53.
- [11.] Vale, C. P. (2018). The Social Rising Of A Housing Intervention: Álvaro Siza Project For Bouça Neighbourhood. 42nd Iahs World Congress - The Housing For The Dignity Of Mankind.
- [12.] Mota, N. (2014). An Archaeology Of The Ordinary: Rethinking The Architecture Of Dwelling From Ciam To Siza. Países Baixos: Delft University Of Technology.
- [13.] Grande, N., & Cremascoli, R. (2017). *Vizinhança. Onde Álvaro Encontra Aldo*. Berlim: Hatje Cantz.
- [14.] Siza, Á. (2012). *Imaginar A Evidência* (S. D. Costa, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- [15.] Gomes, M. S. (2015). *Sobre A Realidade Social E A Autonomia Do Desenho: Da Esbap À Política De Habitação Nos Projectos Saal De Siza Vieira*. Porto: Faculdade De Arquitectura Da Universidade Do Porto.
- [16.] Melo, M., & Toussaint, M. (Eds.). (2018). *Architectural Guide Álvaro Siza*. Lisboa: A + A Books.
- [17.] Costa, A. A., Costa, A. C., & Fernandez, S. (Coord.). (2019). *Cidade Participada: Arquitetura E Democracia - S. Victor*. Lisboa: Tinta Da China.
- [18.] Siza, A. (2001). *As Cidades De Álvaro Siza. Figueirinhas*.
- [19.] Santos, J. A. G. (2017). “A Malagueira Como Nunca O Foi.” Évora.
- [20.] Mota, N. (2019). Álvaro Siza’s Negotiated Code: Housing With Citizens’ Participation In The Urban Renewal Of The Hague In The 1980s. *Urban Planning*, 4(3), 250-264.
- [21.] Zapatel, J. (1998). The Malagueira Quarter In Évora, Portugal. *Constructing New Worlds - Acsa International Conference* (Pp. 123-128). Association Of Collegiate Schools Of Architecture Press.
- [22.] Mota, N. (2014). Critique: building appraisals Álvaro Siza's . *The Journal of Architecture Bonjour Tristesse: a symphony for a big city*, 779-808.
- [23.] Akcan, E. (2011) "A Building With Many Speakers: Turkish ‘Guest Workers’ And Alvaro Siza’s Bonjour Tristesse Housing For Iba-Berlin". *The Migrant’s Time*, Yale University Press, Pp. 91-114.
- [24.] Hatzelhoffer, L., & Schultheiß, J. (2020). *International Building Exhibition - Ann Innovative And Experimental Urban And Regional Development Instrument Of Excellence*. Nairobi: United Nations Human Settlements Program.
- [25.] Costa, F. S. R. F. (2020). *Arquitetura Doméstica: Complexos De Habitação Coletiva: Um Olhar Sobre Os Edifícios De Habitação Coletiva De Álvaro Siza Vieira: Em Portugal E Na Europa*. Master's Degree. Universidade Do Minho
- [26.] Neto, F. L. (2019). Research For A Language – Álvaro Siza In Berlin. *Iop Conference Series: Materials Science And Engineering*, [Online] 471(8).

[27.] Moneo, R. (Maio De 2016). The Guidecca Project. Obtido De Canadian Center For Architecture: <https://www.cca.qc.ca/>

[28.] Cecília, F. M., & Siza, Á. (1994). El Croquis 68/69 Álvaro Siza. (F. M. Cecília, & R. C. Levene, Edits.) Madrid: El Croquis

[29.] Siza, Á. (1977). Memória Descritiva Do Plano De Pormenor. Évora.

[30] Moneo, R. (Maio De 2016). The Guidecca Project. Obtido De Canadian Center For Architecture: <https://www.cca.qc.ca/>

AGRADECIMENTOS

Esta investigação é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através do projeto de investigação SIZA/ETM/0023/2019.

Agradecemos o apoio dos Arquivos na cedência de documentos digitalizados, em particular da Drawing Matter e da Câmara Municipal de Évora.